



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023**

RAP NAS ESCOLAS: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES A PARTIR DA **BATALHA DO FEIRA VI.**

Vanessa Batista¹; Luan Sodré²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Música, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vanessasilva2b@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: lssouza@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Rap nas escolas; Hip hop em Feira de Santana; Educação Musical Afrodiáspórica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como finalidade investigar os processos que envolvem a Batalha do Feira VI, que é um evento de Hip Hop que acontece periodicamente na praça do bairro Feira VI, na cidade de Feira de Santana. A partir da análise das vivências e problemáticas relacionadas a este contexto, sobretudo com foco na experiência da Batalha enquanto uma prática musical afrodiáspórica, no contexto de Feira de Santana, produtora e difusora de conhecimentos músico-pedagógicos e identitários, vem sendo produzido um documentário audiovisual. Os processos investigativos têm como base a pesquisa etnográfica, que se deu a partir da inserção nas atividades da batalha do Feira VI e em entrevistas cedidas pelos organizadores do evento. A escolha da etnografia está ligada ao foco principal da pesquisa, que é conhecer uma realidade particular em sua profundidade.

Sabendo da influência da colonialidade do saber (bell hooks, 2017, BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018, SODRÉ DE SOUZA, 2019, 2020, 2021, 2022) nos processos institucionalizados de formação musical, quase sempre orientados por padrões europeus de pensamento musical que constituem as escolhas metodológicas, de conteúdo e de repertório trabalhado em sala de aula, o rap, assim como toda a cultura Hip Hop, apresenta-se como um campo potencial de possibilidades decoloniais e/ou contracoloniais para pensar a formação institucionalizada em música. Uma das justificativas para o desenvolvimento deste trabalho é a crença de que o rap é um instrumento de compreensão cultural, crítica e social por meio da música, e por si só apresenta uma perspectiva de uma educação

musical, de uma formação humana e cidadã oportunizada através das potencialidades do fazer musical.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Para estruturar a pesquisa, iniciei o trabalho com as vivências e socialização no contexto da batalha do Feira VI, para investigar como se dava a construção da mesma. Essa análise consistiu na investigação do fazer musical na batalha do Feira VI. A pesquisa foi conduzida através de uma perspectiva etnográfica, que se deu a partir da inserção nas atividades da batalha do Feira VI e entrevistas com os organizadores. A escolha da etnografia está ligada ao foco principal da pesquisa, que é conhecer uma realidade particular em sua profundidade, conforme Seeger (2008) defende em relação ao trabalho etnográfico em música. Além dos depoimentos de organizadores da batalha do Feira VI, também consideramos documentos disponíveis nas mídias sociais, gravações da Batalha disponíveis no youtube e gravações disponibilizadas pelos organizadores.

Foi estabelecido um mapeamento para saber quem são os organizadores e quais se encontram na batalha, como se reconhecem nesse cenário, suas vivências e como todos esses aspectos se relacionam com a construção identitária da Batalha. Segundo Iriart (2017), "as abordagens sociais promovidas pelas linguagens do hip hop, como as questões étnico-raciais e a reflexão política/social, gera novas formas de tomada de consciência e crítica social". A linguagem construída nas músicas do rap, através das suas letras, melodias e *beats*, nos proporciona refletir sobre os processos identitários e as dinâmicas de resistência e (re)existência das populações afrodiáspóricas.

A análise da batalha, de maneira geral, tem alta relevância, visto que favorece o mapeamento minucioso dos rappers que estão inseridos naquela cena, assim como também permite entender melhor como se constituiu esse espaço de formação musical. A batalha tem como um dos intuitos falar sobre liberdade, pertencimento, tendo como narrativa as suas próprias vivências, com várias manifestações artísticas. Dessa forma, Amaral e Carril (2015, p.12), reforça que "as populações que vivenciaram diferentes momentos na diáspora negra, [...] têm demonstrado que a luta pelo reconhecimento de suas origens e cultura passa necessariamente pelo fortalecimento de suas identidades étnico-raciais". Todo trabalho na batalha fortalece esse reconhecimento de lutas, uma vez que entendemos que o Rap foi e é uma construção que vem de uma concepção política e de muita resistência.

Como produto final será apresentada uma produção audiovisual a qual ainda está

em andamento, pois essa pesquisa ainda não foi concluída, mas o documentário possibilitará reflexões e discussões provenientes da pesquisa. A previsão é que fique pronto até o final do semestre 2023.2.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

A partir da batalha do Feira VI foi possível observar e analisar de perto como se dá a vivência e a construção das identidades afrodiáspóricas das pessoas naquele lugar. Também foi possível levantar dados através das entrevistas do quanto o rap se faz presente na vida daquelas pessoas e como a educação está pautada nas batalhas de rima, principalmente para as pessoas que a organizam e o quanto destacam a importância daquele movimento cultural. Pude fazer registros e observações audiovisuais da batalha em si, gravando toda a batalha. Esses registros serão publicados em forma de documentário audiovisual como produto final da Pesquisa de Iniciação Científica.

Também foi elaborado um roteiro com perguntas para saber como se deu a construção da batalha, de onde surgiu, quais suas contribuições para a cultura de Feira de Santana, entre outras. Foram feitas entrevistas com alguns representantes da Batalha do Feira VI, a primeira entrevistada foi Lavínia Souza (Tulipa), cantora, e mestre de cerimônia da batalha, em seguida entrevistei Jeferson (Sinistro) um dos integrantes que está na organização da batalha desde o início, e por fim, um ex-integrante do grupo Glauciliano mais conhecido como Vulgo Gau, que executava o trabalho de designer. Outros resultados e discussões serão apresentados em forma audiovisual no documentário que está em produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

Na análise das entrevistas notou-se que o rap está na construção da identidade sociopolítica e cultural dos entrevistados, porém, não é o único meio de trabalho deles. A busca por outro trabalho pressupõe-se que vem da privação das oportunidades e problemáticas raciais, e a partir daí surge a necessidade de criar suas próprias músicas e ter conhecimento de outras áreas musicais, bem como, a necessidade de se firmar no seu lugar de pertencimento na sociedade. Para se tornar conhecido e criar um nome enquanto artistas, os três entrevistados demonstraram algo em comum: o codinome como uma espécie de marca. Os rappers/hip hoppers tendem a trabalhar muito com a imagem, fazendo com que o “codinome” vire uma referência que está inteiramente

ligado a como esse indivíduo quer ser conhecido e como sua marca fica registrada por meio dele.

Vale ressaltar também que a presença da batalha no Feira VI movimentou âmbitos sociais, econômicos e culturais. A resposta disso, é como os três entrevistados trazem em sua fala como a batalha alcançou o público ao ponto de favorecer os estabelecimentos locais, e a visibilidade da mesma, conseqüentemente alcançando outros públicos da cidade.

Refletindo sobre todos esses aspectos, essa pesquisa, que mesmo ainda em processo de construção e em andamento, busca contribuir com os esforços de construção de uma Educação Musical Afrodiáspórica, brasileira, decolonial e antirracista, alinhada com os conhecimentos locais. Também espera-se contribuir com a construção de uma ponte entre a formação musical desenvolvida na Batalha do Feira VI e no âmbito do curso de Licenciatura em Música da UEFS, de forma que isso se reflita na formação dos professores e conseqüentemente no contexto da Educação Básica. Em conclusão, é de extrema importância que a pesquisa em questão contribua significativamente com o levantamento de perspectivas e possibilidades para a formação musical a partir da cultura Hip Hop, do Rap e da Batalha do Feira VI.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AMARAL, Mônica; CARRIL, Lourdes. **O hip hop e as diásporas africanas na modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação**. 1.ed. São Paulo: Alameda, 2015.
- BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOUEL, R. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- IRIART, M. *et al.* **Circuitos culturais juvenis em Feira de Santana, Bahia: uma poética das margens**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.
- SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. Cadernos de campo, São Paulo, n. 17, p. 1-348, 2008. Tradução de Giovanni Cirino.
- SILVA, Djenane V. S. “Uma fita de mil grau”: o movimento hip hop na construção de identidades culturais e afrodiáspóricas. 155 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- SODRÉ DE SOUZA, L. **Educação musical afrodiáspórica: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do Recôncavo baiano**. 2019. 248

fl. Tese (Doutorado em Música) - Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SODRÉ DE SOUZA, L. Educação musical afrodiaspórica: uma proposta decolonial a partir dos sambas do Recôncavo Baiano. Revista da Abem, v. 28, 2020, p. 249-266.